

# Os validos d'el rei

**H**á no governo de Fernando Henrique Cardoso uma impunidade específica, com a qual os outros poderes — o Legislativo e o Judiciário — não têm nada a ver. É a impunidade da língua. Os ministros do círculo mais íntimo têm a faculdade de dizer o que bem entendem, de maneira mais destemperada; outros, que não a têm, vivem sob ameaça da fritura e da demissão se saem fora do riscado.

Entre os privilegiados do primeiro caso estão o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, e o da Administração, Bresser Pereira. Serjão fez da grossura um trunfo de marketing político. É capaz de falar em masturbação sociológica num governo de sociólogos; e em menopausa como pecha para a mulher, numa campanha eleitoral; ou de chamar de hiena e ladrão o chefe de um partido que apoia o governo, e por aí afora. FHC finge que passa pito, mas passa a mão pela cabeça do estouvado amigo.

Bresser parece disputar ao colega o troféu da inconveniência tolerada. Querendo impor o Programa de Desligamento Voluntário, ameaça outro ministro ("ele vai ter que aceitar e acabou"). Achando pouco, intima o Supremo Tribunal Federal a não aprovar o pedido de ajuste de vencimentos dos funcionários públicos, com a ameaça de um "desastre nacional". FHC entrou em cena para pedir desculpas ao presidente do Supremo, ministro Sepúlveda Pertence, e mandou Bresser fazer o mesmo. Mas o assunto ficou por aí, e de novo o amigo se saiu fagueiro.

Menciono esses exemplos para destacar um traço do atual governo que o aproxima da monarquia, onde o soberano se apóia em um e uns poucos favoritos. Temos tido precedentes. São os "ministros da casa", os "validos d'el rei", a quem o príncipe concede o privilégio de fazer ou

dizer besteiras, sem uma punição que de outro modo viria fulminante. Há casos em que os validos funcionam como sondadores da opinião pública, e aí se tornam preciosos.

Voltaire definia bem o papel do favorito: às vezes dá a idéia de que tem poder, mas às vezes significa

apenas um homem que é agradável ao amo. Não encontro referência direta a essa função em Maquiavel; mas, sem dúvida, são importantes as considerações do florentino sobre como evitar os aduladores, cujos pareceres interesseiros não devem merecer a acolhida do príncipe.

A presença do favorito, transmitindo confiança, afaga a vaidade do príncipe, e é essa, confessadamente, uma característica do nosso presidente. FHC tem horror a ser criticado. Quando acontece, ele se irrita e atribui genericamente aos críticos uma atitude de má vontade, senão de má-fé. Isso marca sobretudo as suas conturbadas relações com o Congresso, de onde no entanto procede. Ainda há pouco, na África do Sul, ele declarava que "os políticos brasileiros" nunca dizem o que pensam, estão sempre escondendo algo, e são incapazes de se sentar à mesa para negociar o que é melhor para o país. Defender "os políticos brasileiros", em geral, é tarefa difícil; mas a opinião do presidente cheira demais a demagogia populista.

Desse julgamento o favorito emerge como o melhor dos patriotas, porque no essencial comporta-se adequadamente. Se faz alguma travessura, leva um pito do público, mas na penumbra cúmplice do palácio encontra a garantia de que nada lhe acontecerá.

\*\*\*

Nássara — Grande nome da música popular, desenhista, humorista, homem de jornal, Nássara foi um desses tipos brasileiros que desgrazadamente vão ficando cada vez mais raros. Era simples, cordial, modesto em meio aos seus títulos de glória, contrastando com o emproado orgulho ditado pelos padrões mercadológicos. O seu maior desgosto nos últimos anos de vida era ouvir muito mal, pois adorava uma boa conversa, sem venenos nem rancores. Tinha um olhar de matreirice inocente, que sabia ver fundo. Era um poeta, um criador. Meu bom Nássara, adeus.

14 DEZ 1996